



REDE COLABORATIVA DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE GASPAR - SC: INFLUÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE, UM ESTUDO DE CASO DURANTE A QUARENTENA DA COVID-19

Tamily Roedel¹
Vanessa Oechsler²
Francisco Felipe Gomes de Sousa³

RESUMO

Uma rede colaborativa é composta por pessoas que trabalham conjuntamente e se apoiam mutuamente. O ano de 2020 tem sido um ano atípico para a educação mundial com a pandemia da COVID-19. Professores precisaram reinventar suas práticas, pois, repentinamente, tiveram que adaptar suas atividades docentes presenciais para o formato remoto. No município de Gaspar - SC, professores do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) resolveram criar um grupo colaborativo com professores de Ciências e Matemática da rede municipal. Esta pesquisa teve como objetivos analisar como a participação nesta rede colaborativa contribuiu para a prática de uma professora na elaboração das atividades remotas para os estudantes durante a pandemia, além de avaliar a aceitação das videoaulas por parte dos estudantes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na forma de um estudo de caso, em que foi feita uma análise do discurso de uma professora e um levantamento de dados ou *survey* dos alunos a respeito da prática adotada. Verificou-se que a troca de experiências entre os participantes da rede, no que se refere à produção de videoaulas, impactou de forma positiva a prática docente da professora, tendo como reflexo a apreciação dos estudantes por este tipo de atividades durante a pandemia.

Palavras-chave: Colaboração, Tecnologias, Ensino, Ciências, Matemática.

¹ Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Licenciada em Matemática pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), Mestre e Doutoranda em Ciência e Tecnologia Ambiental (UNIVALI), bio4tami@yahoo.com.br;

² Licenciada em Matemática pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), vanessa.oechsler@ifsc.edu.br;

³ Licenciado em Física pela Universidade Federal do Amazonas (UFA), Mestre em Física pela Universidade Federal do Amazonas (UFA) e Doutor em Materiais para Engenharia pela Universidade Federal de Itajubá (UFI), ffelipebrr@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Entende-se por rede colaborativa ou grupo colaborativo, aquele em que todos trabalham conjuntamente e se apoiam mutuamente, “visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo do grupo. Na colaboração, as relações, portanto, tendem a ser não hierárquicas, havendo liderança compartilhada e ‘co-responsabilidade’ pela condução das ações.” (FIORENTINI, 2013, p. 56). É um espaço em que se podem “acessar ideias, tecnologias e compartilhar informações, experiências, conhecimentos técnicos [...]” (MENEZES *et al.*, 2017, p. 147).

Nos últimos anos, é possível observar um crescente aumento de tentativas de criação de grupos de colaboração entre professores, como o Grupo de Sábado da UNICAMP e a Rede Goiana de Pesquisa em Educação Especial/Inclusiva (RPEI). O intuito desses grupos é o compartilhamento de práticas pedagógicas e a reflexão sobre elas. A RPEI, por exemplo, “possui o intuito de promover esse processo interacional que busca a reflexão da prática pedagógica como princípio articulador e privilegia a formação do professor pesquisador de sua própria ação no âmbito da educação inclusiva.” (PEREIRA *et al.*, 2015, p. 476).

O ano de 2020 tem sido um ano atípico para a educação mundial com a pandemia da COVID-19. A COVID-19 é “uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2” (BRASIL, 2020, p. 1). A pandemia levou o estado de Santa Catarina (SC), assim como os demais estados brasileiros, a tomarem medidas de prevenção ao contágio da doença, como o desenvolvimento do trabalho remoto para evitar a transmissão comunitária do vírus (SANTA CATARINA, 2020a e 2020b).

Nesse contexto, os professores precisaram reinventar suas práticas e adaptar suas atividades docentes presenciais para o formato remoto. Esse movimento, fez com que muitas dúvidas surgissem: Que tipo de atividade elaborar para que o aluno possa fazer em casa? Qual a melhor forma de explicar os conteúdos de ensino? Como produzir uma videoaula? Será que o aluno vai aprender com a abordagem metodológica que escolho? Essas e outras inquietações surgiram e ainda fazem parte da prática do professor nestes tempos. Para algumas delas, ainda não há respostas. Será necessário um tempo de pesquisa e reflexão sobre tudo o que foi realizado neste período de aulas remotas para que surjam respostas.



No entanto, para algumas dessas inquietações, principalmente quanto ao uso da tecnologia, já se pode fazer algumas reflexões, principalmente por meio da troca de experiência entre os pares. No município de Gaspar - SC, cidade de trabalho dos três autores deste artigo, foi criado um grupo colaborativo no *Whatsapp* com professores de Ciências e Matemática da rede pública municipal de ensino e professores do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), com o intuito de trocar conhecimentos sobre possíveis atividades remotas a serem realizadas fomos estudantes de ensino fundamental durante o período de isolamento social.

O grupo foi formado por professores de Ciências e Matemática, sendo esse recorte disciplinar escolhido em virtude das unidades curriculares dessas áreas do conhecimento terem em comum a necessidade de buscarem uma abordagem metodológica que vise à resolução de problemas, o que se torna mais complicado fazer propondo-se ao estudante a leitura de um texto seguida, por exemplo, da resolução de exercícios. Uma abordagem desta natureza acabaria por levar ao exercício mecânico ou à realização de atividades de forma acrítica, o que pouco colabora para a construção efetiva de conhecimento por parte do estudante e se afasta de toda a discussão teórico-metodológica presente nos documentos norteadores do ensino.

Muitas vezes, o estudante, ao ler, por exemplo, o livro didático, não entende o porquê do uso de determinada propriedade ou artifício de resolução. Assim sendo, as aulas de Física e Matemática em que o professor procura levar o estudante a refletir sobre a situação-problema, explicando-a passo a passo e buscando detalhar sua resolução precisam continuar ocorrendo, mesmo que de forma remota. Nesse sentido, compreendendo o desafio que está posto quando é necessário realinhar e ressignificar práticas de ensino realizadas no ensino presencial para que essas façam sentido e sejam efetivas numa abordagem remota, surgiu a ideia da formação dessa rede de colaboração, que visa discutir de que forma se pode atender os alunos nessas disciplinas, de forma que eles se sintam acolhidos e que realmente ocorra um processo de ensino e aprendizagem efetivo e significativo, logo, crítico e reflexivo.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como a participação nesta rede colaborativa contribuiu para a prática de uma professora na elaboração das atividades remotas para os estudantes durante a pandemia da COVID-19, além de avaliar a aceitação das videoaulas por parte dos estudantes.



2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa, do tipo participante, alinha-se a uma abordagem qualitativa, fazendo uso do método exploratório e de levantamento de dados ou *survey*, e se constitui com um estudo de caso. A pesquisa qualitativa envolve uma análise mais profunda sobre um fenômeno que está sendo estudado e “nos fornece informações mais descritivas, que primam pelo significado dado às ações” (BORBA; ARAÚJO, 2013, p. 25), o que se alinha aos objetivos aqui delineados.

A pesquisa exploratória é usada quando existem poucas informações sobre uma temática que está sendo estudada (RAUPP; BEUREN, 2009), o que se justifica pela contemporaneidade das questões analisadas. Para Gil (2010), ela tem como propósito tornar o problema mais explícito, considerando vários aspectos relativos ao que está sendo estudado.

Na pesquisa participante a seleção dos problemas a serem resolvidos não advém apenas da decisão dos pesquisadores, mas da população envolvida (GIL, 2010). No caso desta pesquisa, ela é participante, porque uma das pesquisadoras deste trabalho é a docente cuja prática está sendo investigada.

O estudo de caso se inicia com a formulação de um problema, e a coleta de dados, que pode ser realizada por meio de entrevistas, observações e análise de documentos (GIL, 2010). Neste estudo, essa coleta de dados envolveu o estudo de uma narrativa de uma das professoras participantes do projeto e um levantamento de dados ou *survey*, por meio do qual procurou-se descrever com exatidão os dados coletados pela amostra da população que se desejava conhecer (RAUPP; BEUREN, 2009). Esse levantamento foi realizado através de um questionário respondido por estudantes da professora em questão.

2.2 A REDE COLABORATIVA

O grupo foi criado no aplicativo *WhatsApp* no dia 14/04/2020, sendo a escolha desta ferramenta motivada pelos fatos de todos os membros do grupo já utilizarem o aplicativo, por ele permitir a discussão por texto, o envio de áudio, vídeo e de arquivos,



e principalmente pela comunicação se dar de forma síncrona e assíncrona, fator preponderante, uma vez que a informação poderia chegar para aqueles que precisassem dela de forma mais imediata e também seria compartilhada com outros professores a seu tempo.

O grupo foi e é composto por 20 professores, sendo 9 de Matemática, 7 de Ciências, 2 colaboradores da Secretaria de Educação de Gaspar e 2 professores do IFSC Câmpus Gaspar. Os participantes do grupo já se conheciam anteriormente de formações continuadas presenciais ofertadas pelo IFSC no ano de 2019 aos professores da rede municipal. Nessas formações sempre foram discutidos os anseios e necessidades dos professores, o que revelou suas dúvidas e postura reticente com relação ao uso da tecnologia em sala de aula. Levando isso em conta, e ao perceberem suas próprias dificuldades com o ensino remoto, os professores do IFSC submeteram o projeto de extensão “Rede de Ensino de Ciências e Matemática um instrumento de apoio ao ensino em momento de isolamento social” à chamada EPE COVID-19, tendo como objetivo geral proporcionar a realização de atividades de capacitação e apoio a professores da rede municipal para a produção de videoaulas e atividades que atuem no sentido de promover o protagonismo dos estudantes durante o período de isolamento social.

Além do grupo no *WhatsApp* foi criado um espaço no Google Sala de Aula, que funciona como um repositório do conhecimento compartilhado, onde ficam armazenados todos os vídeos e atividades sugeridas pelos professores nas discussões do grupo. Os materiais produzidos até o momento da publicação deste trabalho estão listados no Quadro 1. Optou-se pelo Google Sala de Aula, pois, no momento em que o grupo estava sendo criado, os professores participantes também estavam tendo seus primeiros contatos com essa ferramenta, por seu vez destinada ao uso com os estudantes da rede municipal de Gaspar.

Quadro 1 - Atividades compartilhadas no grupo da Rede Colaborativa de Professores de Ciências e Matemática de Gaspar. 2020.

Descrição da Atividade	Material compartilhado por...
Atividade sobre constelações, Site Manual do Mundo, Aplicativo Aprendizap, Atividade de alimentação saudável, Atividade sobre densidade - caça palavras, Atividade de água, Atividade de Biomas brasileiros, Atividade de mecanismos reprodutivos, Indicação de aplicativo para produzir vídeo: Inshot, Ideia de trazer um profissional para conversar com os alunos, Evento sobre Mata Atlântica.	Professoras de Ciências da rede



<p>Aplicativos para observar as constelações, Sugestão de aplicativos para gravação da tela do computador, Sugestão de softwares livres de edição de vídeo, Produção de vídeos com o uso de slides, Jogo perdas e ganhos (números inteiros), Vídeos sobre como usar o Google Sala de Aula, Vídeos sobre como gravar a tela do computador com softwares gratuitos (Flashback recorder e OBS Studio), Vídeo de como editar imagens em softwares gratuitos, Vídeo de como postar um vídeo no YouTube, Vídeo sobre como gravar vídeo de mãozinha, utilização do Paint 3D, Atividade de equação, Kahoot, Vídeo e Atividade de área de polígono, Vídeo sobre softwares gratuitos de animação (Powtoon e Animaker), Vídeo a atividade sobre números inteiros, Live sobre uso de Power Point, Vídeo: frações com pizza no Power Point, Vídeo como inserir QRCode nas atividades, Vídeo e Atividade de juros simples e juros compostos, Vídeo e atividade de Orçamento Doméstico, Vídeo sobre Leis de Newton, Lousa virtual para Tablet e computador.</p>	<p>Professores do IFSC</p>
<p>Atividades de radiação, Atividade de razão e proporção, Video de proporção na culinária, Atividade de porcentagem.</p>	<p>Professora do IFSC, professora de Matemática da rede</p>

Fonte: Os autores (2020).

É interessante destacar que alguns temas das atividades foram sugeridos pelos professores da rede e foram desenvolvidos pelos professores do IFSC e outros foram desenvolvidos pelos próprios professores da rede, ressaltando o aspecto colaborativo do grupo.

2.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta dos dados desta pesquisa partiu da Rede colaborativa criada. Uma das docentes tinha uma interação mais ativa no grupo e, por esse motivo, optou-se por fazer uma análise da sua prática pedagógica, a fim de verificar a influência da rede na constituição de novas práticas, posturas e escolhas metodológicas.

A professora em questão é docente da disciplina de Ciências na Escola de Educação Básica Ferandino Dagnoni desde 2010. Ela redigiu uma narrativa a respeito da experiência vivenciada no grupo colaborativo e a partir dele, da qual foram coletadas as informações a respeito das expectativas iniciais que possuía ao ingressar na rede colaborativa, sua participação nesse espaço e de que forma a rede colaborou com a produção de suas videoaulas. A professora assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, indicando que sua narrativa poderia ser utilizada para fins de pesquisa.

Em um segundo momento, foram identificados os aplicativos e ferramentas que a professora utilizou em suas atividades pedagógicas durante a quarentena da COVID-19 com os seus alunos.



Após esta análise subjetiva, foi aplicado um questionário online pelo aplicativo Google Sala de Aula para os alunos dos 8^{os} e 9^{os} anos da professora, totalizando uma população de 171 alunos alcançados.

O formulário foi composto por 13 questões, sendo 11 de múltipla escolha e 2 questões subjetivas. As questões envolveram o perfil dos alunos, tipos de videoaulas produzidas, se os vídeos os auxiliaram na compreensão dos conteúdos de ensino, modelos de videoaula que mais agradam os alunos, tipos de vídeos que eles mais gostam de assistir, grau de satisfação em relação aos vídeos e sugestões de melhorias das aulas.

O questionário ficou disponível por uma semana no aplicativo e não foi considerado como uma atividade obrigatória, sendo a participação voluntária. Os dados foram analisados em conjunto e “sistematizados por meio da tabulação em uma planilha eletrônica do programa Excel para elaboração de estatísticas” (NASCIMENTO; ROEDEL, 2013, p. 4).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A REDE COLABORATIVA: EXPECTATIVAS E PARTICIPAÇÃO DA PROFESSORA

Em um primeiro momento, de acordo com o relato da professora, a expectativa em participar do grupo não era muito elevada.

No primeiro momento não gostei muito da ideia, preocupada que a entrada no grupo demandasse um certo período de meu tempo e com o início do Doutorado, talvez o grupo seria uma distração. Entrei na condição de sair se não gostasse. (narrativa da Professora)

Um dos motivos para essa falta de interesse é que, muitas vezes, os grupos entre os professores são criados em suas próprias instituições para repasse de informações, escrita de angústias e lamentações, sem o objetivo de contribuir para a formação continuada e o crescimento profissional.

O grupo do qual se trata neste artigo, ao contrário, tem o intuito principal de assessorar e apoiar os professores na organização de atividades durante o período de isolamento social. O grupo é colaborativo e nele todos têm o mesmo objetivo: elaborar atividades para os alunos em aulas remotas. Permite-se que cada professor elabore essas



atividades da forma que considerem melhor e as compartilhe no grupo, para discussão sobre possíveis aprofundamentos e melhorias. Nesse contexto, o grupo se tornou um espaço de discussão das ideias e, conseqüentemente, de formação continuada para os professores. Esse compartilhamento de ideias é percebido na narrativa da professora.

Os professores iniciaram se apresentando, e alguns compartilharam em um primeiro momento, suas atividades.

Os professores 1 e 2 iniciaram com sugestões no grupo, e comecei a me interessar muito. Professor 1 na linha de dicas de criação de vídeos e estratégias online, e a Professora 2, na preparação de atividades diferenciadas envolvendo a Matemática. Gostei muito desta rede de trocas, e isso me motivou a também tornar as minhas aulas mais atrativas e interessantes, de forma que elas tivessem a minha identidade, a minha “cara” e não a de outros professores. Por isso, na segunda quinzena já iniciei com os meus vídeos. (narrativa da Professora)

Observa-se que a discussão no grupo permitiu que os professores pudessem ressignificar a sua prática e se aventurar na elaboração de materiais que ainda não haviam explorado, como a gravação dos seus próprios vídeos. De acordo com Peixoto e Carvalho (2007, p. 195) “No contexto de uma tarefa colaborativa, o grupo deve fornecer a cada participante uma parte de seus recursos e dar a ajuda de que ele necessita para realizar sozinho a tarefa e atingir o objetivo.”.

Essa ajuda e compartilhamento das ideias é o que acontece no grupo, uma vez que os professores indicam suas dificuldades e os participantes compartilham suas experiências, como foi o caso da produção de vídeos. Vários professores indicaram sua dificuldade em produzir seus próprios vídeos. Assim, os professores do IFSC elaboraram uma diversidade de materiais (Quadro 1) com explicações de como gravar imagens, editar cenas, gravar a tela do computador e usar outros aplicativos que auxiliem na produção dos vídeos. Com esse material, os professores conseguiram produzir seus próprios vídeos ou foram os roteiristas de vídeos produzidos por outros colegas que estavam mais confortáveis em gravar o audiovisual.

Percebe-se o trabalho colaborativo com uma noção de interdependência e, de acordo com Peixoto e Carvalho (2007, p. 197) “a colaboração valoriza uma interdependência de caráter associativo. O que importa para os membros é, sobretudo, tornar comum suas idéias, compartilhar suas realizações e encontrar inspiração e apoio no grupo.”. Na narrativa da professora, essa inspiração encontrada no grupo para a criação de atividades diferenciadas ficou muito evidente, uma vez que ela utilizou e adaptou



várias dicas e atividades postadas para produzir e inovar em suas próprias práticas. Isso mostra o caráter formativo do grupo colaborativo, pois permite que o professor reflita e aprofunde a sua prática pedagógica. Inclusive, as discussões e aprendizagens do grupo foram repassados pela professora a outras pessoas de seu convívio social.

Repassei a colegas professores de outras áreas muitas sugestões dadas no nosso grupo, especialmente para minha irmã, que também é professora de matemática, e para minha mãe. As sugestões que dei a minha mãe foram mais no sentido da criação e gravação dos vídeos, já que ela trabalha na biblioteca, e é contadora de histórias e incentivadora de leitura. E ela também repassou para colegas de trabalho e amigas. (narrativa da Professora)

Damiani (2008, p. 220) fala de investigações que atestam que

[...] o trabalho colaborativo entre docentes constitui-se em excelente espaço de aprendizagem, permitindo a identificação de suas forças, fraquezas, dúvidas e necessidades de reconstrução, a socialização de conhecimentos, a formação de identidade grupal e a transformação de suas práticas pedagógicas.

Os grupos de trabalho colaborativo entre professores se constituem como um excelente espaço para reflexão e transformação das práticas pedagógicas. “Parte-se da idéia de trabalho coletivo como um modo de partilha e de sistematização de conhecimentos, que se realiza mediante a interação entre os participantes do grupo ou comunidade em questão.” (PEIXOTO; CARVALHO, 2007, p. 198).

A partir das discussões suscitadas no grupo, a professora foco do nosso estudo de caso apontou que utilizou várias ferramentas ali abordadas e que antes não utilizava, como Criação do canal do Youtube <https://www.youtube.com/feed/my_videos>; Aula remota online no Google Meet; Criação de vídeo no power point (gravação com voz); Compra da mesa digitalizadora para uso em novos vídeos; Vídeo com mãozinha; Edição de vídeo com *biteable*; Edição de vídeo com *inshot*; Vídeo com dica nutricionista (pessoa externa); Vídeo de entrevista - Semana do Meio Ambiente - com o Grêmio Estudantil.

Essas atividades elaboradas pela professora foram socializadas no grupo, para que outros colegas tivessem acesso e pudessem utilizá-las para ressignificar a sua própria prática.

Para que os professores ressignifiquem a sua prática é preciso que a teorizem. E este movimento de teorizar a prática não se efetiva somente com treinamentos, palestras, seminários, aulas expositivas, mas muito mais, quando há uma relação dinâmica com a prática deste professor a partir de uma reflexão coletiva, auto-reflexão, pensamento crítico e criativo, via educação continuada. É preciso desencadear estratégias de formação processuais, coletivas, dinâmicas e contínuas. Refletir com os demais professores e compartilhar erros



e acertos, negociar significados e confrontar pontos de vista surge como algo estimulador para uma prática pedagógica comprometida. (RAUSCH; SCHLINDWEIN, 2001, p. 121).

A discussão e reflexão colaborativa no grupo permite essa reflexão na e sobre a prática a partir de olhares múltiplos que colaboram para pensar diversos aspectos das atividades propostas e da própria interação no espaço remoto, o que contribui para uma formação continuada acerca do que é feito em sala de aula. Nessa época de trabalho remoto, um grupo como esse auxilia a manter vivas e ativas discussões que, na presencialidade, muitas vezes também não ocorrem, ou se efetivam no encontro entre os professores nos intervalos, nos horários de planejamento de atividades pedagógica ou mesmo as formações presenciais. No contexto atual, o professor está sozinho em casa, preparando suas atividades e como pode trocar ideias? Saber o que já deu certo e errado? Por meio da troca de experiência com outros colegas.

Pode-se ainda acrescentar que grupos colaborativos se autoalimentam. A dúvida de um professor, como a produção de vídeos, permite que outros, que não expuseram a dúvida, também tenham acesso ao material. Observou-se isso no grupo quando uma professora, que não a pesquisada neste trabalho, apontou sua dificuldade em produzir vídeos. Para sanar essa dificuldade, foram elaborados materiais, que acabaram auxiliando também a professora que é sujeito desta pesquisa. Ela, por sua vez, gravou os materiais e os postou no grupo, para que outros colegas tivessem acesso e pudessem utilizar. Esses materiais geraram novas ideias e novas atividades entre os participantes. É um processo cíclico de reflexão, estudo e ressignificação.

3.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Foram obtidas 87 devolutivas dos alunos dos 8^{os} anos A, B e C e 9^{os} anos A, B e C para os questionários aplicados na plataforma do *Google Meet*. Dos 87 respondentes, 19 eram do 8^o ano A, 14 do 8^o ano B, 12 do 8^o ano C, 17 do 9^o ano A, 14 do 9^o ano B e 11 do 8^o ano C (Gráfico 1). 50,9% dos alunos da professora sujeito desta pesquisa responderam os questionários, tendo a maior parte deles 14 anos (56,3%) e 58,6% dos alunos era do sexo feminino. As atividades na plataforma são supervisionadas pelos pais, que, portanto, poderiam acessar o questionário.

Em relação aos vídeos da professora, 87 alunos responderam que a professora utilizou videoaulas durante as aulas remotas, e que 95,4% dessas videoaulas eram



produzidas por ela. Os alunos revelaram acreditar que os vídeos os auxiliam a compreender os conteúdos de ensino (96,6%) e, sobre os vídeos, 55,2% dos alunos preferem assistir vídeos curtos e objetivos (até 6 min) e 35,6% gostam de vídeos com duração média (7 a 15 min). O modelo de videoaula que mais agrada os alunos é o vídeo feito pelo(a) próprio(a) professor(a) (93,1%).

Foi questionado aos alunos que tipos de vídeos eles gostam de assistir no Youtube, 31,0% responderam que são videoaulas, 28,7% tutoriais, 23,0% vídeos de animação, 14,9% disseram outros, e 2,3% vídeos do estilo mãozinha. Na categoria outros, foram mencionados vídeos de jogos, curiosidades, análise de filmes, de dança, de customização e maquiagem.

Foi perguntado qual a característica do vídeo da professora que mais os(as) agrada, e 63,2% responderam que são vídeos de explicação com as palavras da professora; 33,3% preferem explicação com as palavras e vídeo da professora e um grupo pequeno apontou que preferem ver a professora na tela (2,3%) ou tem outra preferência (1,1%).

No que se refere ao grau de satisfação com as videoaulas, 67 alunos assinalaram que estão satisfeitos com os vídeos produzidos, 18 estão pouco satisfeitos e 2 que estão insatisfeitos. Foram solicitadas sugestões para justificar as respostas, mas a maioria não tinha sugestões porque gostava das aulas como estavam. Os que não estavam satisfeitos responderam que os vídeos deveriam ser mais curtos, outros queriam mais longos, para melhorar a qualidade do áudio, pediram para a professora aparecer no vídeo, fazer piadas, não colocar tantos slides, trazer exemplos diferenciados, organizar sua fala em tópicos, alguns estavam insatisfeitos pela situação do ensino remoto, entre outras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo relato dos alunos, a maioria gosta de assistir vídeos produzidos pela própria professora, indicando que isso auxilia no seu processo de aprendizagem. Isso demonstra a importância de um grupo colaborativo como o apresentado neste artigo, em que os professores discutem formas de produzir seus vídeos.

A maioria dos professores não têm a familiaridade de produção de audiovisual e, ao discutir com outros colegas, como o visto neste trabalho, acabam aprendendo meios e se aventuram, às vezes com o auxílio de outros colegas, a produzir o seu material. Isso atesta a importância de um espaço em que os professores possam compartilhar suas ideias



e que sirva como um espaço de reflexão sobre sua prática e de formação continuada, o que pode ser conseguido por meio de grupos colaborativos.

REFERÊNCIAS

BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. Pesquisa qualitativa em Educação Matemática: notas introdutórias. *In*: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 23-29.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é a COVID-19**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 213-230, 2008.

FIORENTINI, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? *In*: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 53-85.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MENEZES, K. C.; JOHANN, J.; VALENTIM, P. P.; SCOTT, P. Gestão do conhecimento nas organizações: uma aprendizagem em rede colaborativa. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 7, Número Especial, p. 145-159, mar. 2017.

NASCIMENTO, C. A.; ROEDEL, T. Percepção e consciência ambiental dos moradores de Brusque - SC. **Revista da UNIFEBE**, v. 1, n. 11, p. 1-23, 2013.

PEREIRA, L. L. S.; BENITE, C. R. M.; PADILHA, J. C.; MENDES, M. L.; VILELA-RIBEIRO, E. B.; BENITE, A. M. C. Trajetória da formação de professores de ciências para educação inclusiva em Goiás, Brasil, sob a ótica de participantes de uma rede colaborativa. **Ciência & Educação**, (Bauru), v. 21, n. 2, p. 473-491, 2015.

PEIXOTO, J.; CARVALHO, R. M. A. Os desafios de um trabalho colaborativo. **Educativa** (UCG), v. 10, p. 191-210, 2007.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. *In*: BEUREN, I. M. (Org.) **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 76-97.

RAUSCH, R. B.; SCHLINDWEIN, L. M. As ressignificações do pensar/fazer de um grupo de professoras das séries iniciais. **Contrapontos**, Itajaí, v. 1, n. 2, p. 109-23, 2001.



SANTA CATARINA. Decreto nº 507, dispõe sobre medidas de prevenção e combate ao contágio pelo coronavírus (COVID-19) nos órgãos e entidades de Administração Pública Estadual Direta e Indireta, de 16 de março de 2020. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, n. 21.222-A, p. 1-3, 16 mar. 2020a.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 515**, declara situação de emergência em todo território catarinense nos termos do COBRADE nº 1.5.1.1.0 - doenças infecciosas virais, para fins de prevenção e enfrentamento à COVID-19. Disponível em: <http://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/decreto_515_17_03_20.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020b.